

# Estruturas negativas

## da pré-história recente e proto-história peninsulares: estado actual dos conhecimentos e interrogações

### PROGRAMA CIENTÍFICO

(versão 2009.01.02)

O registo arqueográfico pré e proto-histórico peninsular tem revelado, em diferentes regiões, sítios arqueológicos maioritária ou exclusivamente constituídos por estruturas negativas, de morfologias diversas, em parte condicionadas por uma frequente ablação da sua fracção superior, facto que impede muitas vezes o estabelecimento de quaisquer relações estratigráficas directas com outras ocorrências arqueostratigráficas.

Estas estruturas negativas, de dimensões variáveis, podem apresentar diferentes tipologias, possivelmente relacionadas com a sua funcionalidade, desde estruturas de combustão (lareiras, fornos) e fundos de cabana, de cariz doméstico ou ligadas a actividades produtivas, a fossas interpretadas como silos, lixeiras, espaços funerários ou mesmo, segundo alguns investigadores, albergando depósitos votivos.

Os conteúdos arqueológicos destas estruturas negativas podem ser bastante diversos: exclusivamente cerâmicos, morfo-tecnologicamente homogéneos ou não; com maior ou menor quantidade de vestígios metálicos / metalúrgicos e líticos; fauna; vestígios osteoarqueológicos humanos; elementos vegetais; etc. Do mesmo modo, também a estratificação interna descrita varia entre uma única unidade estratigráfica e sequências mais ou menos complexas de depósitos estratificados.

Face a uma tal diversidade de “estruturas negativas”, o tema escolhido para a realização deste workshop surge necessariamente amplo, abrangendo problemáticas muito distintas que respondem a aquela variabilidade estrutural (no limite, poderíamos mesmo ter incluído aqui a problemática dos fossos que formam recintos fechados, que porém preferimos excluir, por elementares razões de operacionalidade da reunião) e mesmo crono-cultural (entre o Neolítico / Calcolítico e Idade do Ferro).

Ora, o conjunto de problemas arqueológicos colocado pela interpretação destes vestígios tem conhecido recentemente um forte incremento da sua base documental arqueográfica na Península Ibérica e, nomeadamente na região portuguesa do Alentejo, onde a localização destes contextos arqueológicos — quase sempre muito difíceis de identificar em sede de prospecção por força da sua frequente escassa representação em material arqueológico de superfície — tem beneficiado fortemente — para além de estudos incluídos em projectos de investigação fundamental — dos trabalhos sistemáticos de minimização de impacto arqueológico das obras do projecto de aproveitamento agrícola dos recursos hídricos de Alqueva. É sobretudo neste âmbito que a Dryas tem intervencionado alguns sítios arqueológicos relevantes para esta discussão, dos quais se destaca o sítio do Casarão da Mesquita 4 (Encosta do Albardão, São Manços, Évora, Portugal), contíguo de vários outros sítios arqueológicos da mesma natureza intervencionados por outras equipas de Arqueologia na mesma Encosta do Albardão.

Contudo, pese embora a motivação imediata para realização da reunião seja efectivamente a multiplicação do registo arqueográfico decorrente do incremento recente de intervenções de salvamento na região portuguesa do Alentejo, nem por isso pode ignorar-se que tal sucede no quadro mais vasto do desenvolvimento do interesse por este tipo de contextos na Arqueologia peninsular desde já há alguns anos a esta parte, quer graças a uma concomitante revolução empírica noutras regiões peninsulares, quer ainda em resultado da evolução do debate teórico em torno da interpretação destes sítios. Em consequência, estes assuntos vêm ganhando uma dimensão sem precedentes no debate arqueológico peninsular, nomeadamente acerca da Pré-história, tendo já, de resto, motivado outras reuniões científicas de diferentes naturezas e âmbitos, em diversos pontos do território peninsular.

Verificando-se, como se disse, um aumento muito significativo do acervo documental de base para a análise da problemática científica em apreço, a interpretação destes sítios arqueológicos coloca hoje vários problemas específicos:

1º. Antes de mais, obviamente, a questão dos **processos formação e evolução post-deposicional do registo estratigráfico** conservado, incluída a questão fundamental dos agentes (antrópicos / não-antrópicos) responsáveis pela colmatação das estruturas negativas com os sedimentos que hoje constituem o seu preenchimento.

2º. A crítica tafonómica dos níveis arqueológicos resultante daquele primeiro conjunto de problemas será, por outro lado, fundamental para a compreensão das questões relativas à **funcionalidade destas estruturas negativas**, designadamente aquelas de forma mais regular, mais profundas e de menor diâmetro, interpretadas ora como silos, ora como lixeiras, ora como estruturas técnicas, ora como estruturas de inumação, sem que (quase) nunca o registo arqueográfico pareça verdadeiramente ajustar-se na perfeição à interpretação proposta; para mais, não devendo esquecer-se a possibilidade muito plausível de uma mesma estrutura ter sucessivamente servido diferentes funcionalidades.

3º. A questão da **duração do funcionamento destas estruturas negativas**, para a qual são relevantes, além da sua datação radiocrométrica, uma caracterização rigorosa do seu enchimento, da sua sequência estratigráfica interna, dos processos de enchimento / colmatação, das inter-relações estratigráficas (tanto intercepções de fossas, como remontagens de materiais entre distintas estruturas negativas) e da morfologia destas estruturas negativas, bem assim como da eventual evolução morfotécnica dos conjuntos artefactuais ao longo dessas sequências.

4º. A questão de uma **atribuição crono-cultural rigorosa do espólio arqueológico** neles contido, a analisar no quadro do estudo da natureza e caracterização morfotecnológica desse espólio e balizada por datações absolutas. Deverá notar-se a larga diacronia normalmente existente intra-sítio, que pode incluir, de forma descontinuada, ocupações desde o Calcolítico ao Romano Tardio ou, mesmo, à Baixa Idade Média.

5º. A questão da **presença de vestígios osteoarqueológicos humanos** no enchimento destas estruturas negativas, em frequências que não parecem constantes de sítio para sítio, presença cuja interpretação não poderá endereçar-se sem uma caracterização rigorosa dos indivíduos aqui depositados, das suas posições, modalidades de decomposição e relação com o demais registo estratigráfico.

6º. A questão da **organização interna do espaço à escala do sítio e dimensão global da área ocupada**, cuja interpretação permanece hoje limitada pela natureza (preventiva ou de emergência) da maior parte das intervenções recentes que têm revelado este tipo de registo arqueográfico, facto que condiciona as circunstâncias em que se tem procedido à investigação destes sítios e a extensão da exploração desse registo.

7º. A questão da **relação espacial com outros sítios arqueológicos**, sejam estes sítios semelhantes, sejam já contextos funerários ou habitacionais, correlação que surge muitas vezes prejudicada, quer pela dificuldade de identificação de muitos destes contextos, quer por problemas de conservação do registo arqueológico original.

Incluindo, por um lado, sessões de comunicações orais (apoiadas em suportes multimédia) tanto de carácter geral, sintético ou problematizante, como dedicadas à apresentação monográfica de sítios arqueológicos e, por outro lado, a análise directa de materiais arqueológicos e da informação arqueológica associada disponibilizada pelos participantes, esta reunião privilegiará o debate de ideias e a confrontação directa de argumentos, sempre que possível com base na comparação daqueles materiais e informação de campo e dos resultados de estudos e análises laboratoriais subsequentes.

A publicação dos resultados da reunião, sob a forma de actas de artigos individuais ou colectivos, incluindo eventualmente o resultado de projectos de colaboração científica resultantes da própria reunião será garantida pela Dryas Arqueologia.

texto original:

**Miguel ALMEIDA, Susana NUNES, Maria João NEVES, Maria Teresa FERREIRA**

contributos científicos:

**António Monge SOARES, Ana Sofia ANTUNES, Manuela de DEUS, António Carlos VALERA**